

Seminário de Introdução à Psicanálise (SIP)

Comentário do *Seminário 10, A Angústia*, aula VIII – A causa do desejo

Marcus do Rio Teixeira

Nessa aula Lacan aborda uma série de temas de importância crucial não somente para esse Seminário, mas para a sua teoria. Ele resume alguns deles em plena aula: “Logo, primeiro ponto, falei-lhes do objeto como causa do desejo. Ponto dois, eu lhes disse que reconhecer-se como objeto do próprio desejo é sempre masoquista, indiquei-lhes a esse respeito o que se perfilava por trás de uma certa incidência do supereu, e apontei uma particularidade do que acontece no lugar desse objeto *a* sob a forma do $(-\phi)$. Chegamos, assim, a nosso terceiro ponto, que se refere às possibilidades estruturais da manifestação do objeto *a* como falta.” (LACAN, p. 120-121)

Na verdade, ele comenta ainda a teoria das pulsões em Freud, relaciona a lei e o desejo no Édipo, distingue o sadismo do masoquismo, não como par de opostos, mas em relação à angústia, além de comentar os casos de Dora e da Jovem Homossexual em Freud. Estes últimos não abordarei aqui porque fazem parte da aula prevista para os alunos desta atividade. As páginas das citações de Lacan se referem à edição brasileira deste Seminário, salvo quando identificadas de forma diversa. Para auxiliar no comentário da aula, recorri a textos de psicanalistas lacanianos contemporâneos, conforme a bibliografia anexa. Cada leitor do Seminário, porém, faz o seu recorte do texto, ressaltando o que considera mais importante. É preciso que cada um de nós faça também o seu.

Lacan ressalta que o seu conceito de objeto *a* é o ponto central do Seminário

“O objeto *a*, este ano, está no centro de meu discurso. Se ele se inscreve no âmbito de um Seminário que intitulei de ‘a angústia’, é por ser essencialmente por esse meio que se pode falar dele, o que também quer dizer que a angústia é sua única tradução subjetiva.” (p. 113)

O conceito de objeto *a* é construído por Lacan ao longo desse Seminário como um *work in progress*. Cabe frisar que a aproximação - que todo laciano de carteirinha aprendeu a aceitar como natural - entre o objeto *a* e a angústia é de fato uma maneira inusitada de introduzir a *causa do desejo*. A dimensão do espanto que essa introdução ao conceito de objeto *a* deve ter provocado na época é algo que aqueles que iniciaram a sua formação analítica lendo os Seminários não podem imaginar. Gostaria de lembrar que não existe definição unívoca deste ou de outro conceito na teoria laciana. Nesse sentido, estamos distantes aqui de certa leitura evolucionista de Lacan, que pretende que haja um “primeiro” Lacan, um “último” Lacan, etc. Tal leitura, que transforma o discurso psicanalítico em discurso universitário, se origina em grande parte do comentário de Jean-Claude Milner sobre Lacan em seu livro *A Obra Clara* e de Jacques-Allain Miller.

Já Charles Melman comenta que o erro desse livro já começa desde o seu título, pois Lacan não tem uma “obra”, uma vez que essa noção remete à totalidade, ao imaginário:

“É admirável! Visto que Lacan tomou o cuidado de dizer que, verdadeiramente, se fôssemos imputar-lhe ter produzido uma obra, realmente ele se sentiria o último dos últimos. [...] os senhores reflitam sobre o que Lacan refutou com esse tipo de desprazer, e mesmo de desgosto com a ideia de que se lhe poderia imputar ter produzido uma obra; e por que uma pessoa tão informada e advertida como o autor desse livro caia de imediato nessa; por que ele precisa que seja o que ele chama de obra.” (MELMAN, *Retorno a Schreber*, 217)

Ora, o ensino de Lacan não segue uma linha evolutiva. Se por um lado é correto dizer que ele avança em suas formulações, reelaborando-as e ampliando-as, ele não o faz, porém, no sentido do discurso da ciência, anulando teorias antigas, queimando pontes atrás de si. Uma leitura que faz de uma parte expressiva do ensino de Lacan o esboço primitivo do que virá mais tarde é uma leitura que nos priva da discussão de temas fundamentais para a psicanálise. Isso vale não somente para a leitura desses autores, mas para toda e qualquer leitura que nos diga que devemos ignorar (ou considerar menos importante) uma parte do ensino de Lacan, não importa qual.

Não há, portanto, uma definição única que resuma o conceito de objeto *a*, mas sucessivas abordagens desse conceito feitas por Lacan ao longo do seu ensino. Tais abordagens se adéquam a certos contextos em que o objeto *a* aparece, mas não a outros. Dizer, por exemplo, que ele é imaterial, que é real, pode ser verdadeiro quando aplicado a certos contextos, mas não a outros. Por isso ele diz, no seu *Seminário 20, Mais, ainda*:

“O fim do nosso ensino, no que ele persegue o que se pode dizer e enunciar do discurso analítico, é dissociar o *a* e o *A*, reduzindo o primeiro ao que é do imaginário e o outro, ao que é do simbólico”. (LACAN, p. 89)

Nesse próprio Seminário, mais adiante, na aula XIII, “Aforismos sobre o amor”, Lacan comentará o exemplo das santas (que havia introduzido na aula anterior): “Quando lhes falei dos seios e dos olhos, a partir de Zurbarán, Luzia e Ágata, será que vocês não se impressionaram com o fato de esses objetos *a* se apresentarem ali sob forma positiva?” (LACAN, p. 194) Assim, o objeto *a* pode aparecer em determinado momento de forma positivada, como algo da ordem do imaginário, no sentido que Lacan define o imaginário quando fala do nó borromeano, ou seja, como o que *consiste* (que é a propriedade do corpo). Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Parte 1:

A anterioridade do objeto *a* em relação ao desejo e aos objetos comuns. Crítica da fenomenologia.

“Então, Lacan coloca duas coisas. Primeiro, que o objeto *a* ele mesmo não remete a nenhuma intencionalidade, nenhuma *noese*, nenhum pensamento que seria orientado em direção a ele. Pelo contrário, ele diz, o objeto *a* é a causa de toda intencionalidade, quer seja a da libido na relação de

objeto, quer seja do pensamento em relação a isso que ele pensa. Aí está uma tese forte.” (SOLER, p. 61)

Soler destaca no seu comentário a tese de Lacan, que demarca uma diferença em relação à concepção filosófica e intuitiva de objeto. Lacan rompe com a tradição filosófica e com a teoria do conhecimento, que situam o objeto no final de um percurso, após o desejo ou o pensamento, para postular uma anterioridade do objeto.

“Para fixar nossa meta, direi que o objeto *a* não deve ser situado em coisa alguma que seja análoga à intencionalidade de uma *noese*. Na intencionalidade do desejo, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo. Para retomar minha metáfora de há pouco, o objeto está atrás do desejo.” (LACAN, p. 114-115)

Ele aborda o exemplo clínico do fetichismo para situar de uma forma radical o seu conceito de objeto-causa.

“O que se deseja? Não é o sapatinho, nem o seio, nem seja o que for em que vocês encarnem o fetiche. O fetiche causa o desejo. O desejo, por sua vez, agarra-se onde puder.” (LACAN, p.116)

Espécies ou substâncias episódicas do objeto *a*. Função de corte.

“Qual é a relação entre os objetos comuns, aqueles do mundo, e esses objetos que ex-sistem a toda partilha, que estão fora de toda partilha possível? Temos aí uma tese bem importante, e também difícil, que coloca em jogo muitos elementos; é que esses objetos – podemos dizer a série dos objetos *a* – são anteriores a todo objeto comum socializável. Lacan, portanto, não apenas os distingue, mas afirma - e é nessa tese que vou me deter, que é absolutamente necessário compreender, é capital - que os segundos só estão lá porque há os primeiros. Essa é a tese.” (SOLER, p. 60)

O destaque dado por Soler ao que ela considera a tese de Lacan visa chamar a nossa atenção para essa distinção importante entre o objeto-causa e os objetos que podem ser desejados. É a partir do molde desse objeto, se podemos dizer assim, que o sujeito busca os objetos do desejo. Além disso, a autora chama a nossa atenção também para o fato de que o objeto *a* não é qualquer objeto, mas se apresenta como específico para cada sujeito, que mantém com ele uma relação de conjunção e disjunção, que constitui a sua fantasia. E não somente: para Lacan, haveria uma lista dos possíveis objetos *a*.

Lacan fez a sua primeira tentativa de listar os objetos *a* no *Seminário 6, O desejo e sua interpretação*. Naquele Seminário, ele lista três *espécies* do objeto: a primeira são os objetos “ditos pré-genitais”, que são dois, o seio e as fezes. A segunda espécie é constituída pelo objeto do complexo de castração, ou seja, o falo imaginário. A terceira é a voz no delírio do psicótico que, no neurótico, remete à voz grossa, ao vozeirão do supereu. Curiosamente, Lacan faz uma menção ao supereu nessa aula do *Seminário 10*, quando diz:

“Ao dizer que o supereu é a causa do masoquismo, não deixaríamos muito essa intuição satisfatória, exceto que ainda é preciso levar em conta o que lhes ensinei hoje sobre a causa. Digamos, então, que o supereu participa da função desse objeto como causa, tal como a introduzi hoje. Eu poderia até fazê-lo entrar na série dos objetos que teremos que dispor diante de vocês.” (LACAN, p. 119)

Lacan observa no *Seminário 6* que esses objetos têm em comum o fato de se destacarem do sujeito, operando uma função de corte. No seu comentário do *Seminário 6*, Moustapha Safouan chama a atenção para o fato de que esse corte significa aquilo de que o sujeito se separa, seja o seio no desmame, as fezes na defecação e a voz na fala. Assim sendo, diz ele, não fica fácil incluir o falo nessa categoria, a não ser pensando o corte como fantasia de mutilação, de castração real. Lacan retomará e ampliará essa lista no artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, que é contemporâneo do *Seminário 6*. Porém, nos anos posteriores, ela assumirá a versão mais sucinta que conhecemos hoje, que é a dos quatro objetos ou quatro “substâncias episódicas” (termo que ele utiliza na *Nota Italiana*). Já no *Seminário 11*, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, ele destaca um quinto elemento nessa lista, o *nada*. Esses objetos correspondem, de certa forma, aos objetos das pulsões: oral, anal, escópica e invocante.

Charles Melman também comenta essa lista, destacando um aspecto problemático:

“A enumeração dessa lista estranha dos objetos ditos *a* por Lacan, que não nos permite de modo algum saber por que os chama assim, nem afinal como eles se instalam. Se prestarem atenção um pouco nos seus Seminários, nos seus *Escritos*, terão a surpresa de ver que há momentos em que ele hesitou um pouco a propósito do que ele chama de $-\phi$, isto é, o que é subtraído da forma humana sob a forma do pênis, disposição que nesse momento não desenvolvo, não é o essencial, mas que, em todo caso, ele secundariamente descartou.” (MELMAN, p. 85-86)

Em seguida, Lacan faz uma passagem sutil para a teoria freudiana, mostrando como o objeto se faz presente na teoria das pulsões de Freud. Ele chama a atenção para a diferença entre *Ziel* (alvo, meta) e *Objekt* (objeto) da pulsão na teoria freudiana. Esses termos referem-se aos componentes da pulsão, listados por Freud em “Pulsões e destinos da pulsão”, os outros dois sendo *Drang* (pressão, impulso) e *Quelle* (fonte). Freud assim os define:

“Por *pressão* de uma pulsão entendemos seu fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência.” (FREUD, p. 148)

“A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso. Embora a meta final de toda pulsão seja sempre a mesma, são diversos os caminhos que podem conduzir a essa meta.” (Id, *ibid.*)

“O *objeto* da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que a pulsão pode alcançar a sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação.” (FREUD, p. 149)

“Por *fonte* da pulsão entendemos o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão.” (Id, *ibid.*)

Lacan comenta a conceituação do objeto na teoria das pulsões de Freud:

“A distinção que vocês encontrarão nela [na Conferência 32 de Freud] entre o *Ziel*, o alvo da pulsão, e seu *Objekt* é muito diferente do que se oferece inicialmente ao pensamento - a ideia de que esse objeto e esse alvo estariam no mesmo lugar.” (LACAN, p. 115)

Ele vai retomar e aprofundar esse comentário no grafo do seu *Seminário 11*, onde ele observa que a pulsão não atinge o objeto, mas o contorna.

“Em todo caso o que força a distinguir essa satisfação do puro e simples autoerotismo da zona erógena é esse objeto que confundimos muito frequentemente com aquilo sobre o que a pulsão se refecha - esse objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma do objeto perdido, *a* minúsculo.” (LACAN, *Seminário 11*, p. 176)

Parte 2

Sadismo e masoquismo

Nesse trecho de sua aula, Lacan aborda o sadismo e o masoquismo. Para isso, retoma o grafo do seu artigo “Kant com Sade”, que havia escrito recentemente e que seria reunido com outros artigos em 1966 nos *Escritos*. O que é essencial na sua elaboração é que o sádico não se coloca como sujeito, mas como “fetiche macabro” (LACAN, p. 118). O sujeito em questão é o que ele visa fazer surgir na sua vítima, que ele pretende dividir com a angústia.

“Não é tanto o sofrimento do outro que é buscado na intenção sádica, mas sua angústia.” (LACAN, p.117)

Quanto ao masoquista, o que Lacan revela é que ele visa se colocar como um objeto comum, decaído, um dejetivo.

“Em suma, o que ele busca é sua identificação com o objeto comum. É-lhe impossível apreender-se pelo que ele é, uma vez que, como todos, ele é um *a*.” (LACAN, p. 118)

Ele retomará esse tema do sadismo e do masoquismo na aula posterior, “A angústia, sinal do real”, onde concluirá que aquilo que o masoquista busca nessa encenação de colocar-se como um dejetivo é a angústia do Outro (p. 182), enquanto o sádico busca o gozo do Outro (p. 184), assimilado aqui a Deus. Frisando sempre que não há uma simetria entre as posições perversas. Acerca da distinção entre a estrutura perversa e a neurose, ele diz explicitamente: “Não me refiro a alguém que possa ter fantasias que rotulamos de sádicas ou masoquistas, mas a um verdadeiro masoquista, a um verdadeiro sádico [...]” (LACAN, p. 181) A respeito do tema da perversão recomendo o artigo de Marcel Czermak, “Notas sobre a perversão na sua relação à vida dos grupos” (versão digital disponível na biblioteca do site www.campopsicanalitico.com.br).

E ele acrescenta um comentário muito sutil, que mereceria uma reflexão mais detalhada:

“Isso me permite introduzir algumas formulações, a primeira das quais é que reconhecer-se como objeto do desejo, no sentido como o artigo, é sempre masoquista.” (LACAN, p. 119)

“O desejo e a lei são a mesma coisa”

Lacan em seguida retoma sua formulação de que “o desejo e a lei são a mesma coisa”. Na aula de 23/12/59 do *Seminário 7, A ética da psicanálise*, Lacan se inspira na epístola de São Paulo, em que este diz que se não existisse a lei não conheceríamos o pecado (que é interditado pela lei), substituindo “pecado” por “Coisa” (referente ao conceito de *Das Ding*, que ele elabora a partir de Freud). Ele diz ainda, nessa aula: “A relação dialética do desejo com a Lei faz nosso desejo não arder senão numa relação com a Lei, pela qual ele se torna desejo de morte.” (LACAN, *Seminário 7*, p. 106) Para Lacan, trata-se de mostrar que a lei como tal opera como interdito, mas, ao mesmo tempo, como condição para o sujeito ascender à posição de desejante. Ele remete aqui à sua leitura do complexo de castração em Freud, que é o ponto de partida para sua teorização do falo.

“O mito do Édipo não quer dizer senão isto: que na origem, o desejo, como desejo do pai, e a lei, são uma a mesma coisa. A relação da lei com o desejo é tão estreita que somente a função da lei traça o caminho do desejo. [...] Se tudo se organiza em torno do desejo pela mãe, se devemos preferir outra mulher que não a mãe, que quer dizer isso, senão que um mandamento se introduz na própria estrutura do desejo? Numa palavra, desejamos no mandamento. O mito do Édipo significa que o desejo do pai é o que cria a lei” (LACAN, p. 120)

Notem que Lacan retomará esse tema, como costuma fazer, em uma aula posterior, “Pontuações sobre o desejo”, onde diz, por exemplo: “Mesmo na perversão, na qual o desejo se dá como aquilo que serve de lei, ou seja, como uma subversão da lei, ele é, efetivamente, suporte de uma lei.” (LACAN, p. 166)

Diferença entre falo e objeto *a*

Nesse ponto é necessário comentarmos uma questão que não é abordada explicitamente por Lacan nessa aula, mas que está subjacente ao desenvolvimento da sua exposição, sobretudo quando ele fala sobre o $-\phi$. Trata-se da diferença entre o objeto *a* e o falo. Conforme comenta acima Melman, Lacan chegou, em determinado momento, a incluir o falo imaginário ($-\phi$) na sua lista dos objetos *a*, tendo mudado de ideia mais tarde. Talvez porque tenha concluído que o falo, mesmo na sua vertente imaginária, guarda um caráter essencialmente significante. Ele vai dizer na aula “Aforismos sobre o amor”: “Ora, ele [o objeto *a*] é justamente o que resiste a qualquer assimilação à função do significante, e é por isso mesmo que simboliza o que, na esfera do significante, sempre se apresenta como perdido, como o que se perde para a ‘significantização’.” (LACAN, p. 193).

“Em termos do falo, que é esse significante Φ , todos nós nos entendemos; todos os seres falantes, inclusive para além da linguagem, de nossa língua materna, nos entendemos, podemos chegar a um acordo. (...) o falo permite obter uma medida comum, uma medida universalizável, que todos nós podemos entender (...) porque esse significante, não importa como se chame nas diferentes culturas, existe por estrutura.” (RABINOVICH, D., *A Significação do Falo: uma Leitura*, p. 49)

Sendo, ao contrário do falo, um objeto não universal, pois seu valor é exclusivo para um determinado sujeito, o objeto *a* é, segundo Lacan no *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*, a fonte do racismo. Lacan o aproxima aqui da noção da “pequena diferença” de Freud.

“Mas o que convém dizer, simplesmente, é que não há nenhuma necessidade dessa ideologia para que se constitua um racismo: basta um mais-de-gozar que se reconheça como tal.” (LACAN, *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*, p. 29)

Fiquem atentos, portanto, quando se depararem com aproximações teóricas entre o objeto *a* e o significante. Lembrem-se de que para Lacan, o seu conceito de objeto *a* é construído como inassimilável ao significante em sua constituição, suas propriedades, sua definição. Por ser “[...] o que se perde para a ‘significância’” (LACAN, p. 193), o objeto *a* não pode, por definição, ser tomado como um significante: Lacan vai descrever a sua gênese como uma queda que o expulsa da cadeia significante. Por ser um objeto e não um significante, ele se situa fora do campo das representações, ele *não representa*, ao contrário do significante, que se caracteriza por representar o sujeito para outro significante; tampouco estabelece relações de substituição ou contiguidade, não faz metáfora nem metonímia, não gera sentido metafórico ou outro.

Na sua conferência *A Terceira*, Lacan faz uma aproximação entre o significante e o objeto *a* no que tange ao sentido: “Meu S_1 só tem o sentido de pontuar isto aí, um significante - letra que escrevi S_1 , o significante que só se escreve fazendo isso sem nenhum efeito de sentido. O homólogo, em suma, do que acabo de dizer do objeto *a*.” (LACAN, *A Terceira*, p. 47) Pretendeu-se fazer desse trecho o fundamento para um conceito, uma variedade do significante-mestre, dita como um sintagma: “ S_1 -homólogo-de-*a*”. Ora, de fato Lacan aproxima o significante-mestre, S_1 , do objeto *a*, por ambos não possuírem em si mesmos nenhum sentido.

Porém, logo em seguida, ele lembra que para falar desses dois conceitos ele já jogou, como diz, com a relação matemática dita do *número de ouro*. Ele se refere à aula de 22/01/69 do *Seminário 16, De um Outro ao outro*. No meu artigo publicado na coletânea *O Inconsciente e o corpo do ser falante*, lembrei essa aula do *Seminário 16*, onde Lacan relaciona o 1 e o *a*, porém *não no sentido de estabelecer uma similaridade*, muito pelo contrário: situando o primeiro enquanto traço unário e o segundo enquanto resto jamais assimilado. Lembrei ainda que Lacan retoma essa distinção no *Seminário 22, RSI*, dizendo que “[...] não há jamais conjunção, copulação qualquer do 1 e do *a*.” (LACAN, *Seminário 22, RSI*, aula de 21/01/71)

Melman trata a relação entre o Um e o *a* como, na matemática, a série dos números que estão entre 0 e 1:

“O objeto *a*, aqueles dos senhores que abriram livros elementares de matemática podem assimilá-lo à sequência dos números reais, à série de números situados entre zero e um, com o detalhe de que

jamais, por mais longe que levem essa sequência, nunca poderão atingir seus limites, seja o zero, seja o um. Se os senhores escreverem 0,001 e uma sequência, não poderão chegar a zero. Os senhores sempre poderão passar os anos a acumular, a avançar nessa sequência, ela estará sempre longe do zero. E do mesmo modo, se os senhores têm 0,999999... por mais longa que façam essa sequência, poderão prosseguir o quanto quiserem, não chegarão ao 1. Portanto, os senhores podem, se isso os diverte, se isso lhes serve de suporte, assimilar o objeto *a* à sequência dos números reais ” (MELMAN, p. 91)

A transferência, o objeto precioso, o ágalma

“Quando não estamos em cena, quando ficamos aquém dela e procuramos ler no Outro qual é a sua questão, só encontramos aí, em *x*, a falta. De fato, o objeto liga-se à sua falta necessária ali onde o sujeito se constitui no lugar do Outro, isto é, o mais longe possível, além até do que pode aparecer no retorno do recalçado.[...] É na medida em que esse lugar vazio é visado como tal que se institui a dimensão sempre negligenciada, quando se trata da transferência.” (LACAN, p. 121)

Em seguida ele faz referência ao seu comentário do *Banquete* de Platão no seu *Seminário 8, A Transferência*, para falar mais uma vez do lugar de Sócrates como portador dos *agalmata*. Lacan refere-se aqui à suposição necessária de que o outro é portador do objeto que preenche a falta do sujeito. Se “[...] é com esse falta que ele ama” (LACAN, p. 122), a suposição no outro do objeto que preencheria essa falta é essencial para o surgimento do amor, seja o amor de transferência, seja na relação entre os parceiros no cotidiano.

Objeto *a* positivado, componente fetichista do desejo masculino

Uma vez que para Lacan o ser sexuado tem como causa do seu desejo o objeto *a*, a que se dirige o desejo no encontro sexual, que Soler chama de “corpo a corpo”?

“Mas rumo a quê o desejo se dirige? Parece, às vezes, que ele se dirige ao parceiro, homem ou mulher. Mas, na verdade, ele se dirige ao mais-de-gozar que se aloja aí. E isso vale, inclusive, para a relação de corpo a corpo. O que Lacan formulou de forma simples e categórica, em *Radiofonia*: ele dizia que a relação tomada pelo sexo é como qualquer uma, articulada a partir do mais-de-gozar. Para o homem, isso supõe identificar o parceiro ao objeto *a*, e para a mulher, reduzi-lo ao falo, isto é, como o pênis, reduzido ao órgão da detumescência, ou seja, ao inverso da sua função real.” (SOLER, *Desejo...*, p. 16-17)

Falando sobre o que se passa do lado do homem, Roland Chemama comenta: “O que vemos, quando olhamos, por exemplo, o quadro da sexuação em *Mais, ainda* [O Seminário, Livro 20]? Que a sexualidade masculina é inteiramente orientada para o objeto *a*, para o que pôde cair da imagem, para

aquilo em torno do qual gira o circuito da pulsão.” (CHEMAMA, p. 289). O autor se refere ao famoso grafo das fórmulas da sexuação no qual, abaixo das fórmulas, Lacan situou no campo masculino o sujeito e o vetor do desejo, que se dirige ao objeto *a* no campo feminino. Esse direcionamento do desejo do ser sexuado na posição masculina, que isola o objeto *a* na sua parceira, é o que Lacan chama no *Seminário 10* “aizar” (LACAN, p. 199) e Chemama denomina componente perverso (não no sentido da estrutura perversa, mas de isolar o objeto *a*) do desejo masculino. Trata-se aqui da forma como o homem recorta imaginariamente o objeto *a* no corpo da mulher, ou seja, toma o objeto *a* na sua forma positiva, não enquanto faltante.

“Positivando o falo, o homem também positiva o objeto *a*, na exata medida em que a posição masculina confina com a perversão. Sobre o objeto *a*, sempre faltante, pelo qual Lacan declina a castração, o homem (o perverso) crê poder fazer incidir um saber. E, primeiramente, crê poder designá-lo como tal. Mais ou menos, o homem pensa sempre conhecer a causa de seu desejo, sendo essa pretensão que o leva diretamente ao fetichismo, ao qual nossa cultura dá uma dimensão social.” (CHEMAMA, p. 283)

Ele se engana, é claro, pois toma o objeto *a* na sua vertente imaginária, positivada, como uma parte do corpo da mulher. Ao fazê-lo, o homem crê possuir um saber sobre tal objeto, porém esse saber é obviamente ilusório, uma vez que ele diz respeito à forma imaginária do objeto. Porém, na sua dimensão real, esse objeto permanece faltante, avesso a um saber capaz de cerni-lo. Enquanto real, o sujeito o desconhece, tanto quanto desconhece o seu desejo. Acerca de tal distinção, podemos elaborar um pequeno apólogo, certamente não tão sofisticado como aquele do louva-a-deus de Lacan.

Imaginem um grupo de amigos homens dedicados a um de seus passatempos favoritos: tomar cerveja e papear enquanto dirigem cantadas às mulheres que passam. Ao eleger aquelas que são alvo dos seus comentários, eles identificam os traços que a sua cultura privilegia como desejáveis. Até aí estamos no campo cultural, na “dimensão social” do fetichismo. Mas eis que passa uma que não apresenta tais traços, e que por isso não chama a atenção da maioria do grupo dos homens. Porém um deles, dentre todos, não consegue deixar de prestar atenção. Isso o confunde pois, ao mesmo tempo, em que reconhece que ela não é o melhor exemplo dos traços que ele aprendeu a valorizar, ele identifica algo indefinível que atrai o seu interesse. Esse “algo”, ele não sabe definir - e nem poderia, porque não pode ser abarcado pelo saber - trata-se do objeto *a*, causa do desejo.

REFERÊNCIAS:

CHEMAMA, R. *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*. Porto Alegre: CMC, 2002.

CZERMAK, M. *Notas sobre a perversão em sua relação com a vida dos grupos*. Versão digital disponível em www.campopsicanalitico.com.br Acesso em 10/08/2015.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão. In:_____. *Obras psicológicas de S. Freud, vol.1: Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 6, o desejo e sua interpretação* [1958-1959]. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002. Edição para uso interno, sem fins comerciais.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 7, a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 8, a transferência* [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 10, a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* [1963-1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (2ª edição corrigida).

LACAN, J. *O Seminário, Livro 16, de um Outro ao outro* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 18, de um discurso que não fosse semblante* [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (3ª edição).

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre 22, RSI*. [1974-1975] Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale, [19_]. Édition hors commerce.

LACAN, J. *A Terceira, Cadernos Lacan*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, v 2, 2002 (Publicação não comercial – circulação interna)

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MELMAN, C. *Para introduzir à psicanálise nos dias de hoje*. Porto Alegre: CMC, 2009.

MELMAN, C. *Retorno a Schreber - Seminário 1993-94, Hospital Henri-Rousselle-Paris*. Porto Alegre: CMC, 2006.

RABINOVICH, D. *A significação do falo: Uma leitura*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005.

SAFOUAN, M. *Lacaniana - Les Séminaires de Jacques Lacan 1953-1963*. Paris: Fayard, 2001.

SOLER, C. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 2012.

SOLER, C. Desejo no singular, desejos no plural. *Stylus, revista de psicanálise*, Rio de Janeiro, nº 28, p. 13-21, jun 2014. 16-17.

TEIXEIRA, M. R. *Corpo de homem/corpo de mulher - Os corpos e a diferença sexual*. In: CARVALHO, S. *O inconsciente real e o corpo do ser falante*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2010.

TEIXEIRA, M. R. Objeto *a*: Invenção lacaniana. In:_____. *Vestígios do gozo*. Salvador: Campo Psicanalítico/Ágalma, 2014.

